

AS CONSTRUÇÕES ADVERBIAIS CAUSAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA AMOSTRA DE ANÁLISE DO DOMÍNIO DOS ATOS DE FALA

André Vinícius Lopes Coneglian¹

RESUMO

Neste estudo², faz-se uma investigação das construções adverbiais causais no português brasileiro com o objetivo de analisar as propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas dessas construções. Mais especificamente, com foco nas construções causais de ato de fala, verificam-se os tipos de ato de fala que podem ser realizados por meio de construções complexas com base na classificação tipológica proposta em Givón (2001). Daí, parte-se para a análise das características sintático-semânticas dessas construções, buscando-se, mais especificamente, cotejar as construções de atos de fala introduzidas por diferentes itens conjuntivos causais.

Palavras-chave: causalidade; atos de fala; construções adverbiais.

ABSTRACT

In this study, it is presented an investigation of adverbial causal constructions in Brazilian Portuguese aiming at analyzing the syntactic, semantic and pragmatic properties of these constructions. More specifically, with its focus on the domain of speech act causal constructions, it is verified the types of speech act that can be performed by causal constructions based on Givón's (2001) typological classification. Then, it is described the syntactic and semantic properties of these constructions seeking, more precisely, to compare the constructions introduced by different causal connectives.

Key words: causality; speech acts; adverbial constructions.

Considerações iniciais

A noção de “causalidade” figura como essencial à cognição humana. Prever possíveis efeitos a partir de causas conhecidas, ou, ainda, prever possíveis causas (desconhecidas) a partir de efeitos conhecidos são operações cognitivas essenciais à sobrevivência humana e à realização até de tarefas simples. A cognição humana, ao longo de sua evolução, especializou-

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo:SP. Contato: coneglian03@gmail.com.

²O trabalho maior de que deriva este foi realizado com o apoio da bolsa de mestrado da FAPESP (processo n. 2012/03059-4).

se em “particionar” eventos complexos reduzindo-os a “cadeias de causalidade” (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

No entanto, no mundo físico não existem elos de causalidade entre os eventos. Ora, a própria disciplina da Física fala na existência de forças (não de causas) que, em interação entre si, “dão origem” a outras forças (WACHTER; HOEBER, 2006). A percepção dessas cadeias de causalidade e a consideração das forças como sendo umas, “causa”, e outras, “consequência” é uma capacidade própria da, e inerente à, cognição humana (SANDERS; SWEETSER, 2009).

Não é de espantar, portanto, que as línguas disponibilizem a seus falantes recursos linguísticos por meio dos quais seja possível comunicar esse noção tão básica da experiência humana. Dois exemplos³ disso são as construções causativas, como *O menino quebrou o vaso*, e as construções adverbiais causais, como *O gelo derreteu porque ficou fora do congelador*. Nesse tipo de construções, tem-se a ligação de dois eventos, um deles, a causa, e o outro, consequência, enquanto naquele tipo de construção, o próprio evento é causativo.

Como será mostrado mais adiante, a relação de causa entre os segmentos de uma construção causal pode dar-se entre estados de coisa, verificados no domínio do conteúdo, entre premissas, verificadas no domínio epistêmico, e, também, entre atos interacionais, verificadas no domínio dos atos de fala (SWEETSER, 1990). É fixado no território das construções causais de ato de fala que este trabalho se desenvolve.

A partir disso, este trabalho busca, em primeiro lugar, verificar os tipos de ato de fala que podem ser realizados por meio de construções complexas com base na classificação tipológica dos atos de fala proposta em Givón (2001). Daí, parte-se para a análise das características sintático-semânticas dessas construções, buscando-se, mais especificamente, cotejar as construções de atos de fala introduzidas por diferentes itens juntivos causais.

Para a realização deste estudo, foram coletadas ocorrências de textos orais e escritos (ficcionais e notícias), disponíveis no Corpus do Português (DAVIES; FERREIRA, 2009).

³ O conjunto de estudos organizados em Shibatani (org., 2002) provém uma amostra de como as línguas do mundo codificam a gramática da causalidade e da manipulação interpessoal. Nesse volume, todas as contribuições têm como foco as construções causativas instanciadas por itens lexicais, não por combinações de orações, como é o caso deste estudo.

Uma análise que penetre nas características sintáticas, semânticas e pragmáticas de construções causais de atos de fala é relevante por dois motivos. O primeiro diz respeito à configuração categorial da causalidade e o segundo, à atenção dedicada à análise desse domínio. Em primeiro lugar, as características de conteúdo e epistêmica, juntamente com outras características⁴, constituem o cenário conceptual da categorial causal (SANDERS; STUKE, VERHAGEN, 2009), enquanto a força ilocucionária das construções (adverbiais) causais, obviamente, não pode representar um traço categorial da causalidade, desse modo, não é necessária a incursão profunda na configuração conceptual da categoria da causalidade. Em segundo lugar, o domínio dos atos de fala é incomparavelmente menos explorado do que os outros dois domínios nas pesquisas sobre construções causais. A análise que se apresenta aqui não se centra apenas na verificação das condições de felicidade dos atos de fala realizados por construções causais; pelo contrário, ela toma esse procedimento como ponto de partida para tratar as construções causais de ato de fala como um conjunto de construções organizado topologicamente e radialmente (LAKOFF, 1987).

A significação por meio da linguagem

Mais do que apenas descrever o mundo, como assumiram os lógicos, a língua é instrumento de (inter)ação, por meio do qual falante e ouvinte negociam informações pragmáticas (DIK, 1997). A gramática de uma língua funciona como a ponte entre as unidades linguísticas e as estruturas conceptuais por elas codificadas. Nesse sentido, a gramática reflete a estrutura experiencial e é projetada de modo a fornecer o “esqueleto” dessa experiência, ou “representações conceptuais”⁵, nos termos de Talmy (2000). Ressalta Fauconnier (1994, p. XVIII) que a gramática é o elo visível entre os “misteriosos bastidores” da cognição (ou do sistema conceptual) e o comportamento linguístico dos seres humanos. A gramática da língua funciona, nesse sentido, como uma ponte que liga os expedientes linguísticos aos elementos conceptuais.

⁴ Cite-se algumas dessas características: animação, contato direto, manipulação (inter)pessoal (SHIBATANI, 2002).

⁵ Do termo inglês, *conceptual representations*.

A teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997) aliada às assunções mais básicas do funcionalismo linguístico (NEVES, 2006) provêm um modelo geral para explicar a relação entre a linguagem e as representações cognitivas.

O mecanismo da construção de espaços mentais pode ser exemplificado pela conjunção condicional *se*. Em construções condicionais preditivas (ou hipotéticas), o falante faz uma predição ou levanta uma hipótese, apresentando-a em um segmento nuclear, com base na informação do segmento condicional (DANCYGIER, 1998; DANCYGIER; SWEETSER, 1996, 2000). Em uma construção condicional como *Se chover amanhã, eles cancelarão o jogo*⁶, o segmento condicional constrói dois espaços a partir do espaço base. No espaço base, não há nem chuva, nem o cancelamento do jogo. A partir do espaço base, são construídos dois outros espaços, alternativos, ambos futuros. Em um desses espaços, acontece a chuva e, portanto, o cancelamento do jogo, enquanto no outro espaço não acontece a chuva e, portanto, o jogo não é cancelado. Este último espaço é chamado de “espaço contrafuturo” (DANCYGIER; SWEETSER, 1996, p.85), pois se opõe à predição feita naquele outro espaço, que é o “espaço futuro” propriamente dito, no qual acontecem tanto a chuva quanto o cancelamento do jogo.

Diferentemente do que ocorre nas construções condicionais, nas construções causais segmentos que indicam causa elaboram espaços mentais anteriormente acessados, nos quais a relação de causalidade se dá. A diferença entre as construções causais e as construções condicionais se explica, funcionalmente, com base no fato de que o segmento condicional geralmente restringe a asserção feita na oração principal, diferentemente do segmento causal, que pode adicionar a consequência, ou algum tipo de explicação, de motivação para o que é dito no segmento nuclear, sem que haja a modificação do conteúdo desse segmento (FORD, 1993; DANCYGIER; SWEETSER, 2000).

Na rede de espaços mentais, as várias funções dos itens juntivos (como a de construir, a de evocar novos espaços e a de elaborar espaços mentais já ativados) são desempenhadas em espaços mentais específicos, os quais constituem, na verdade, domínios cognitivos. Na proposta de Sweetser (1990), são três os domínios: o domínio de conteúdo, o domínio epistêmico e o dos atos de fala. Os domínios conceptuais são, na verdade, espaços mentais

⁶ Exemplo retirado de Dancygier e Sweetser (1996, p.85), “If it rains tomorrow, they’ll cancel the game”.

disponíveis em qualquer situação de interação (DANCYGIER; SWEETSER, 2005). Nessa medida, um juntivo causal pode servir à função de elaborar um espaço de conteúdo, ou um espaço epistêmico, ou, ainda, um espaço de ato de fala, por exemplo.

As construções adverbiais causais e os domínios cognitivos

A relação básica expressa pelas construções causais é a de causa-efeito, ou de causa-consequência. Configurada desse modo a relação causal, tem-se uma cena em que o falante descreve estados de coisas relacionados entre si por um elo de causatividade que configura a relação “*p* causa *q*”, dentro do esquema lógico-semântico da construção; essa configuração é montada a partir de um determinado ponto de vista de algum sujeito de consciência responsável pela conceptualização dessa cena, o qual pode, ou não, ser o falante, como em:

(01) **Já que** não há dinheiro no bolso, as financeiras optaram pelo prazo, captando recursos com juros baratos de 6% ao ano e aplicando na praça dos 8% de juros ao mês, ganhando bruto 96% em um ano.

(CDP:19Or:Br:Intrv:Com)

(02) Ele observa, porém, que trabalha apenas com carros que não dão trabalho, **uma vez que** faz uma inspeção rigorosa antes de coloca-los à venda.

(CDP:19N:Br:PA)

(03) Em face das peculiaridades do local, o sítio fora escolhido para abrigar a escola da comunidade, sem qualquer objeção da parte de Nonô, **visto que** ele mesmo tinha oito filhos, todos em idade escolar e ansiosos para beber os ensinamentos ministrados pelos paulistas.

(CDP:19:Fic:Br:Cabral:Xamboia)

Em cada uma dessas ocorrências, acontece que o falante, independentemente de quem ele seja, apresenta, em cada um dos segmentos nucleares, uma situação que, obviamente, constitui a consequência/efeito da situação apresentada em cada um dos respectivos segmentos adverbiais; ou seja, a relação de causalidade em cada um desses exemplos se dá no domínio conceptual de conteúdo. A diferença entre uma construção e outra, contudo, reside no tipo de marcação dessa relação, isto é, reside no item juntivo responsável por marcar a relação causal, o qual confere à construção uma especificação da causalidade, ainda que cada uma das ocorrências apresente, estritamente, a relação entre causa-consequência/efeito.

Essa diferença de marcação do estatuto da causalidade é observada, também, em construções causais em que os segmentos nuclear e causal não codificam estados de coisas, mas, sim, entidades de outra ordem:

a) uma conclusão e um argumento, configurando, pois, construções pertencentes ao domínio conceptual epistêmico, como nas ocorrências (04) a (06):

(04) Na verdade a reeleição é comum em qualquer parte do mundo, em países civilizados. Na minha opinião, **já que** a federação é ampla, deveria acontecer em todas as esferas.

(CDP:19Or:Br:Intrv:Pov)

(05) A economista acredita que as exportações tenderão subir até setembro, **uma vez que**, nesse período, começa a comercialização dos principais produtos básicos, como café e soja.

(CDP:19N:Br:SCat)

(06) Portanto, queremos ressaltar a importância do trabalho de habilitação e reabilitação da pessoa portadora de necessidades especiais desde os primeiros anos de vida, **visto que** nesta fase as condições de recuperação são bem maiores.

(CDP:19N:Br:Cur)

b) uma justificativa para o ato de fala realizado por meio do segmento nuclear, configurando, pois, construções pertencentes ao domínio conceptual dos atos de fala, como as ocorrências (07) a (09):

(07) Por que se convocou a votação da emenda da reeleição antes das reformas, **já que** se vem discutindo tanto a urgência e necessidade das reformas?

(CDP:19Or:Br:Intrv:Pov)

(08) Com relação à carta da vereadora Nely Almeida, gostaria de dar minha opinião, **uma vez que** além de possuir quatro cães, algumas vezes os levo para um passeio no Parque Birigui (sempre com guias).

(CDP:19N:Br:Cur)

(09) – **Visto que** o senhor quer, vá; [...]

(CDP:19:Fic:Br:Rocha:Dusa)

Para Sanders (1997), as relações epistêmicas apresentam-se como uma tentativa do falante de “argumentar” sobre alguma coisa que acredita ser verdadeira; nesse tipo de relação,

em geral se marca linguisticamente a perspectiva avaliativa do falante, ou de algum outro sujeito de conceptualização. Esse tipo de raciocínio do falante, em que ele parte de um fato para levantar possibilidades ou conclusões, marca o domínio epistêmico tanto nas construções causais quanto nas construções concessivas.

Dancygier e Sweetser (2005, p.16-17) resumem a diferença entre o espaço de conteúdo, o epistêmico e o de ato de fala considerando que neste último tipo de espaço são feitas representações sobre a construção da cena enunciativa, ao passo que naqueles tipos de espaço são feitas, respectivamente, representações sobre o conteúdo de que se fala na interação e representações a respeito do arrazoamento e das crenças do falante sobre fatos possíveis.

Por meio de um processo de natureza semântico-pragmática de abstratização, construções causais epistêmicas e de ato de fala distanciam-se da configuração básica da causalidade, na qual se estabelecem relações entre efeitos e causas em um ‘mundo real’. Desse modo, fica evidente um crescente nível de subjetividade, que já se inicia nas construções de conteúdo, consideradas como mais objetivas, e passa pelas de ato de fala, chegando até as construções epistêmicas, consideradas as mais subjetivas. Essa escala de subjetividade encontra respaldo em estudos como os de Traugott e Dasher (2002), Traugott (2010), Sanders et al (2009), entre inúmeros outros.

Independentemente do grau de subjetividade observada nas construções causais, o que, por si só, apresenta determinações para a organização da rede de espaços mentais construídos e acessados na interação verbal, deve-se lembrar que, tipologicamente, os juntivos causais funcionam como elaboradores de espaços mentais. Ou seja, os segmentos adverbiais introduzidos por itens juntivos causais tendem a localizar-se em espaços mentais já estabelecidos na interação.

A relação entre domínios cognitivos e níveis estruturais linguísticos

Em algumas propostas que relacionam descrição gramatical com aspectos cognitivos, fica assentado que os espaços de conteúdo, epistêmico e de atos de fala corresponderiam aos níveis estruturais que formal e semanticamente organizam qualquer construção linguística. Esses níveis estruturais foram propostos por Dik (1997) em sua Gramática Funcional.

As construções adverbiais, de modo geral, assumem variadas funções no discurso. Elas podem expressar circunstâncias entre estados de coisas, entre proposições, que são fatos possíveis, ou ainda entre atos de fala, em que o segmento adverbial se refere especificamente à ‘motivação’ (ou ainda, à intencionalidade) da frase enunciada. Em Dik (1997) fica assentado que essas são camadas de organização semântica e formal da estrutura da frase.

Dik (1997a) correlaciona as unidades estruturais que compõem a frase e o tipo de entidade que elas representam. No nível estrutural mais baixo, está o predicado (nível 1), que se aplica a um conjunto de termos específicos. O predicado designa as propriedades e as relações, enquanto os termos se referem a entidades. Da aplicação desse predicado a um conjunto apropriado de termos, tem-se a predicação (nível 2), que pode ser interpretada como um conjunto de estados de coisas. Na predicação, há elementos que são requeridos pela semântica do predicado (os argumentos⁷) e há elementos que provêm informações adicionais (os satélites). Revestida de força ilocucionária, a predicação passa, então, a ser uma proposição (nível 3), que se refere à entidade dos fatos possíveis. E também a predicação pode ser emoldurada em outra força ilocucionária, constituindo, assim, a frase (nível 4), que corresponde ao ato de fala⁸.

Nessa proposta de Dik (1997b, p. 82), a hipotaxe adverbial encaixa-se na categoria dos satélites circunstanciais, que assumem as posições periféricas na organização da oração, visto que incidem sobre a predicação já configurada. Desse modo, em uma ocorrência como (10), a oração temporal (satélite temporal) *enquanto eu estiver bem* incide sobre a predicação central *eu continuo*, enquanto a oração causal (satélite causal) *porque eu gosto* incide sobre toda a predicação, inclusive sobre o satélite temporal.

⁷ Nessa proposta, as tradicionais ‘orações substantivas’ funcionam como argumentos do predicado, visto que são obrigatórias e que são caracterizadas por um conjunto de funções semânticas.

⁸ Esquemáticamente, tem-se a seguinte correspondência (adaptado de Dik, 1997a, p.50):

Unidade estrutural	Tipo de entidade	Nível
Frase	ato de fala	4
Proposição	fato possível	3
Predicação	estado de coisas	2
Termo	entidade	1
Predicado	propriedade/relação	

(10) Quanto ao basquete, não dá para fazer previsões. As pessoas me perguntam se eu vou parar esse ano, no ano que vem, mas eu não sei. Enquanto estiver bem, *eu continuo*, porque eu gosto, me dá muito prazer.
(CDP:19Or:Intrv:Cid)

A interpretação desses satélites pode variar (por exemplo, temporal, causal, condicional, concessiva, etc.). Mas fica assumido que essa variação não é uma questão de distintos significados semânticos, mas de diferentes interpretações pragmáticas, co-dependentes de pistas contextuais e situacionais, visto que a função semântica geral desses satélites é a de circunstanciar (DIK, 1997b, p. 82). Apesar de diferenças terminológicas, Givón (2001, p.330ff), no mesmo espírito de Dik, fala de variados elos semânticos entre a oração (hipotática) adverbial e sua oração principal. Esses elos semânticos são estabelecidos, como diz ele, ‘localmente’, pois a relação se dá entre dois segmentos adjacentes, independentemente de sua organização ‘global’ no contexto discursivo.

Neves (2002a, 2002b, 2002c) sugeriu uma relação entre os domínios conceptuais e os níveis estruturais de Dik aplicada à análise das construções adverbiais causais, condicionais e concessivas. Trata-se de uma relação possível, mas deve ficar claro que os domínios conceptuais e os níveis estruturais diferem quanto à sua natureza: estes são de natureza estrutural e hierárquica, próprios para a descrição gramatical da constituição da oração, e aqueles são de natureza cognitiva, não-hierárquicos, mas ordenados de modo a constituir rede comunicativa acessível em qualquer situação de interação.

As construções causais no domínio dos ato de fala

Explica Sweetser (1990) que as construções causais de ato de fala são aquelas nas quais o segmento causal (ou oração causal, para preservar a nomenclatura da autora) provê a causa para o ato de fala realizado no segmento nuclear (ou oração principal, na nomenclatura da autora). É um exemplo disso a construção

(11) What are you doing tonight, because there's a good movie on.⁹

⁹Exemplo de Sweetser (1990, p.77).

na qual se lê: “Eu pergunto o que você fará esta noite (como uma maneira de ‘pré-chechar’ a sua disponibilidade), porque eu quero sugerir que nós assistamos a este bom filme”. À luz da teoria dos atos de fala¹⁰, esse tipo de fenômeno pode ser explicitado a partir da configuração estrutural de um ato de fala.

De acordo com o que é proposto na teoria dos atos de fala (SEARLE, 1969; LEVINSON, 1983), Todo ato de fala é classificado a partir de um grupo de quatro “condições de felicidade”¹¹ (condição preparatória; conteúdo proposicional; condição de sinceridade; condição essencial), podendo uma delas ser posta em negociação para a realização do ato de fala. No caso do exemplo (11), por meio da pergunta posta no segmento nuclear o falante checka a pré-condição para a relação do ato de fala: a disponibilidade do ouvinte em assistir ao filme. Em outras construções do tipo *Se você precisar de ajuda, meu nome é Joana* (comum em contextos estruturados pelo *frame* de venda-compra), o segmento nuclear “meu nome é Joana” constitui um ato de fala declarativo, cuja condição essencial é justamente o falante acreditar que o ouvinte necessita da informação dada, e o segmento condicional “Se você precisar de ajuda” é o meio pelo qual o falante-vendedor estabelece o cenário no qual é relevante o ouvinte-comprador tomar conhecimento da informação dada no segmento nuclear.

No *cópus* desta pesquisa, foram encontradas ocorrências semelhantes àquela que Sweetser (1990) apresenta.

(12) Neste caso, **já que** é uma decisão da maioria, sugiro que a gente caminhe por esta parte pedregosa e desça pelo leito do Igarapé mais quinhentos ou mil metros – falou Carlos.

(CDP:19:Fic:Br:Cabral:Xambioa)

A diferença entre o exemplo (11), apresentado em Sweetser (1990, p.77), e a ocorrência (12), retirada do *cópus*, é que, nesta ocorrência, há o verbo *sugerir*, classificado como performativo, que instaura o ato de fala, nos termos de Austin (1962) e de Searle (1969).

¹⁰Principalmente: Austin (1962), Levinson (1983) e Searle (1969).

¹¹ Do termo em inglês “*felicity conditions*”, proposto inicialmente por Austin (1962).

A variedade de construções causais de ato de fala do português brasileiro

Foram encontradas no *cópus* construções causais de ato de fala nas quais não necessariamente o segmento causal apresenta a causa do ato de fala realizado no segmento nuclear, mas nas quais se percebe que:

a) por meio do segmento causal, o falante instaura o contexto comunicativo imediato para, então, realizar um ato de fala; como é o caso de (13):

(13) Maria Alice - Eu fiz a Opera dos Três Vinténs com direção do José Renato. Foi a peça que inaugurou o teatro da Ruth Escobar. Tinha a Leny Eversong, o Sílvio de Abreu como ator e o Ary Toledo. Acho que o Cacá faria um bom Peachon.

Rosset - Eu estou numa idade em que tanto posso fazer Romeu como o rei Lear. (risos)

Estado - Já que estamos falando em utopias e proibições, o Ornitórrinco tem um longo histórico de censura. Teledum chegou a ser proibida pela Censura Federal e perseguida pela TFP (a sociedade Tradição, Família, Propriedade) dentro e fora do Brasil. Além disso, houve o choque que a nudez das fadinhas de Sonho de Uma Noite de Verão provocou em Nova York. Essa busca de escândalo foi deliberada?

(CDP:19Or:Intrv:ISP)¹²

b) no segmento causal, está fornecida a evidência com base na qual o falante faz uma asserção, como é o caso das ocorrências (14) e (15):

(14) Para quem curte um panorama bem descontraído, a cidade é o destino certo, **uma vez que** ainda apresenta a maioria das ruas de terra batida.

(CDP:19N:Br:Recf)

(15) – Não te entendo.

– Não admira, **visto que** nem te entendes a ti!

(CDP:19:Fic:Br:Lopes:Intrusa)

c) no segmento causal (*p*) está contida uma afirmação que levaria a uma determinada conclusão (*q*), mas, na verdade, essa conclusão (*q*) se mostra contrária ao que está posto na interação verbal; como é o caso de (16):

¹² Neste texto, Maria Alice e Rosset são os entrevistados e o Estado é o entrevistador.

- (16) **Já que** a Varig está assinando hoje (3/4) o acordo com a United Airlines, e em junho deixa de operar com a Delta, por que só no dia 26 de outubro começam a funcionar os voos da parceria Varig/United?
(CDP:19Or:Intrv:Com)

Seguindo-se a classificação tipológica apresentada por Givón (2001, p 288), segundo a qual há três grandes grupos de atos de fala (declarativos, interrogativos e imperativos) e um grupo de atos de fala ‘variantes’ (“menor”, conforme nomeia o próprio autor), tem-se a seguinte organização de construções causais de atos de fala, a partir de ocorrências do corpus de pesquisa:

	já que	uma vez que	visto que
Grupo 01 - declarativo	<i>x</i>	<i>x</i>	<i>x</i>
Grupo 02 - interrogativo	<i>x</i>	<i>x</i>	<i>x</i>
Grupo 03 - imperativo	<i>x</i>	<i>x</i>	<i>x</i>
Grupo 04 - “menor”	<i>x</i>	<i>x</i>	<i>x</i>

Quadro 01. Grupos de atos de fala realizados por meio de construções causais

São exemplos de ocorrências de cada um dos grupos:

a) Grupo 01 – atos de fala declarativos

- (17) – E o que o senhor conhece da fotografia brasileira?

– Alguma coisa, **já que** tenho alguns livros [...]

(CDp:19Or:Br:Intrv:ISP)

- (18) – O nome dela é Matilde. Simplifiquei para Tilde, **uma vez que** não concebo uma mulher tão boa tenha “má” no nome.

(CDP:19:Fic:Br:Peixoto:Chamada)

- (19) – Graças a Deus!, exclamou Dusá, acrescentando: **visto que** você é legal comigo, fique sabendo que sua vocação era para garimpar [...]

(CDP:19:Fic:Br:Rocha:Dusa)

b) Grupo 02 – atos de fala interrogativos

b1) Tipo 01 – interrogativas “sim/não”

- (20) Um cadastramento não seria mais fácil, **já que** colocar o servidor no seu local de origem, eventualmente, pode desguarnecer algum serviço?

(CDP:19Or:Br:Intrv:Cid)

(21) Você não teve medo de não ter suas opiniões respeitadas, **uma vez que** os moradores são mais velhos que você?

(CDP:19Or:Br:Intrv:Com)

(22) Ou [o poeta] agiu por abnegação, **visto que** num cais se pode ser muito mais útil do que no alto-mar?

(CPD:19:Fic:Vieira:Mais)

b2) Tipo 02 – interrogativas QU-

(23) [...] Como o senhor vê a situação do candidato da aliança PMDB/PFL, Jarbas Vasconcelos, **já que** ele ficará impedido de apoiar a candidatura de Fernando Henrique Cardoso?

(CDP:19Or:Br:Intrv:Com)

(24) Por que não participa mais da vida pública, **uma vez que** o Brasil ainda enfrenta os mesmos problemas?

(CDP:19Or:Br:Intrv:ISP)

(25) Para finalizar, o que você acha da iniciativa de transformar o percurso Barra/Ondina no circuito oficial do Carnaval, **visto que** grande parte dos artistas e das bandas estão transferindo-se para lá?

(CDP:19Or:Intrv:Web)

c) Grupo 03 – atos de fala imperativos/injuntivos

(26) – Esqueçam tais infortúnios dos acasos, **já que** deixando a Flor de Tejo, em trote, nos embrenharemos pela floresta do Zêzere.

(CDP:10:Fic:Br:Novaes:Mao)

(27) – Tu anotas e eu falo – ponderou Márcio – **uma vez que** não falarei muito tempo.

(CDP:19:Fic:Br:Novaes:Mao)

(28) Contudo, não se iluda o incauto viandante com a plácida aparência do arbusto, **visto que** tal árvore é das mais mortíferas de quantas haja.

(CDP:19:Fic:Br:Gomes:Rios)

d) Grupo 04 – “grupo menor”

(29) [exortação] Por quê você não vira freira? **Já que** você quer servir a Deus, venha servir entro da sua tradição.

(CDP:19Or:Intrv:Web)

(30) [pedido] Como aluno da Faculdade Ritter dos Reis e usuário diário do Trensurb, solicito o fornecimento de meia tarifa aos estudantes, o que nos seria de grande valia, **uma vez que** também pagamos condição na cidade onde moramos.

(CDP:19N:Br:PA)

(31) [admoestação] – A senhora pode censurar-me em nome de meu pai, **visto que** ele não teve coragem para tanto; mas em seu nome, não!
(CDP:19:Fic:Br:Lopes:Falência)

O papel do item juntivo causal na configuração do ato de fala

A organização tipológica que Givón (2001, cap. 17) apresenta para os atos de fala centra-se, principalmente, nos três primeiros grupos aqui apresentados – os declarativos (grupo 01), os interrogativos (grupo 02) e os imperativos (grupo 03), que ele considera como prototípicos. Os atos de fala “variantes”, aqui abrigados no grupo 04, não chegam a constituir propriamente um grupo, na visão do autor, pois, como ele explica, alguns desses atos podem ser manifestações não prototípicas de atos de fala prototípicos (os declarativos, interrogativos e imperativos). Um exemplo disso é o ato de fala admonitivo, apresentado na ocorrência (31), que não constitui nem uma declaração nem uma injunção, contudo se observam traços desses dois tipos de ato de fala nesse ato; logo, pode-se considerar que ele se localiza na zona de transição entre o grupo dos atos de fala declarativos e o grupo dos atos de fala imperativos.

Com base nesse agrupamento apresentado, chega-se à seguinte conclusão, que, apesar de óbvia, é essencial e basilar para a análise que segue: os três itens juntivos causais são utilizados para introduzir todos os tipos de atos de fala; o que significa que os usuários da língua não restringem o uso de um item juntivo à produção de um ato de fala específico.

Ressalve-se que o fato de os três itens juntivos causais em análise aqui poderem ser utilizados em todos grupos de atos de fala não implica que não se obtenham diferentes efeitos pragmáticos nessas construções de ato de fala; pelo contrário, a análise a que se procede mostra justamente que diferentes efeitos pragmáticos são obtidos com cada um dos itens juntivos. E não apenas isso, mas cada juntivo implica uma organização diferente na organização da rede de espaços mentais ativada na interação verbal.

Devido à natureza interacional das construções de ato de fala, percebe-se um menor nível de integração sintático-semântica entre o segmento nuclear e o segmento adverbial. Esses são casos de “conectividade pragmática”, nos termos de Givón (2001), justamente porque os segmentos não apresentam “eventos” semanticamente integrados – como é o caso

das construções de conteúdo e epistêmicas – mas realizam atos de linguagem por meio dos quais os falantes manejam a interação verbal. Essa integração mais ‘frouxa’ é observada no próprio contorno entonacional dessas construções: há uma quebra entonacional entre o segmento nuclear e o segmento adverbial (CHAFE, 1984).

Tomam-se as ocorrências do Grupo 02, o grupo dos atos interrogativos, como um território em que fica mais explícita essa noção de conectividade pragmática.

O conjunto de ocorrências (20) a (22) é formado de construções causais de ato de fala interrogativo que implica uma resposta “sim/não”. Essas perguntas, alerta Givón (2001), com base em Bolinger (1978) e Sadock e Zwicky (1985), não são meramente questões alternativas, mas são também um meio pelo qual o falante busca que o ouvinte teça comentários sobre o grau de verdade da proposição em questionamento. Para atingir esse objetivo, o modo como as perguntas são formuladas pode ser tendencioso para a resposta afirmativa, como é o caso de (20) e (21), ou para a resposta negativa¹³. Por outro lado, as ocorrências (23) a (25), que constituem construções de ato de fala interrogativo de perguntas do tipo *QU-*, diferentemente daquelas do tipo anterior, não representam uma tentativa do falante de obter um comentário sobre o grau de verdade de uma proposição, mas configuram um pedido de informação que o falante demanda e acredita que o ouvinte seja capaz de prover.

Além da diferença funcional das construções causais com cada item juntivo, há uma diferença na organização e na dinamização da rede de espaços mentais estabelecida na interação. Os padrões construcionais apresentados nas ocorrências anteriores são um reflexo das operações cognitivas nas quais os usuários da língua estão engajados. Nessa medida, o padrão linguístico serve de pista para o modo como essas operações são realizadas (FAUCONNIER, 1994). O princípio básico para a estruturação dos espaços mentais é que eles são desenvolvidos, (re)ativados, desativados, e reconfigurados, conforme o discurso se desenvolve, e as construções linguísticas são um dos meios pelos quais falante e ouvinte rastreiam e mantêm registro desses espaços.

O ponto de partida do desenvolvimento discursivo é o espaço base, aquele em que estão contidas as configurações básicas da interação; ele abriga todo o conjunto de crenças, pressuposições e ‘conhecimento de mundo’ do falante e do ouvinte, além de compreender,

¹³ Explica Givón (2001, p. 292) que perguntas “sim/não” afirmativas tendem para respostas negativas.

também, toda a configuração do cenário enunciativo. É a partir desse espaço que outros espaços mentais são estabelecidos. Na atividade colaborativa da construção do discurso, falante e ouvinte cooperam e se valem de estratégias para alcançar uma coerente configuração discursiva.

Uma dessas estratégias das quais o falante pode valer-se é instaurar, no discurso, o próprio contexto enunciativo. Para bem-sucedidamente realizar isso, o Falante precisarecuperar o conteúdo de um determinado espaço e remeter a outros espaços mentais já disponíveis e ativados, no contexto enunciativo, mas que podem ter sido desativados ao longo do desenvolvimento do discurso. Isso pode ser realizado:

a) pela retomada de uma informação já compartilhada e conhecida pelo falante e pelo ouvinte, como é o caso de (32) e (33);

(32) Não é arriscado que todo o trabalho feito pela Comissão caia no esquecimento e se esvazie já que esse órgão só irá começar a funcionar daqui a cerca de 60 ou mais dias?

(CDP:19Or:Br:Intrv:Pov)

(33) A permanência do então secretário da Segurança Pública Edgar Fuques e do ex-comandante da PM, coronel Gilson Liberato, na Comissão não colocou em cheque as investigações dos senhores **já que** algumas denúncias começaram a respingar neles?

(CDP:19Or:Br:Intrv:Pov)

b) pela recuperação de algum elemento do espaço-base, como é o caso de (34).

(34) **Já que** youcê não se incomoda de ficar sozinho, eu vou ficar com Lúcia – disse Beny, afastando-se.

(CDP:19:Fic:Br:Amaral:Amigos)

c) pelo estabelecimento, por parte do falante, de um traço do contexto comunicativo, como é o caso de (35) a (37);

(35) Você precisa de uma mulher que o leve para frente. O ideal seria alguém do nossos meio, mas **já que** não foi possível, paciência.

(CDP:19:Fic:Br:Amaral:Amigos)

(36) – em relação ao ensino superior faltou isso - e também **já questou falando muito** vou lembrar uma coisa – realmente apesar de nós termos escola de medicina – depois escola de engenharia – porque a escola de engenharia () – escola de segundo grau – se transformou em politécnica – nós temos tínhamos também outras escolas superiores [...]

(CDP:19Or:Br:LF:Recf)

(37) **Já que** estamos falando em preconceito e estamos vivendo uma situação engraçada, que é o “hypeo” do funk carioca?

(CDP:19Or:Br:Intrv:Web)

Nas ocorrências (34) a (37), o falante, por meio do segmento causal, resgata um tópico imediato da interação e, a partir dessa moldura, realiza um ato de fala, geralmente, interrogativo. No caso de (37), o falante acrescenta um traço do cenário interativo não diretamente relacionado à interação imediata, “[já que] estamos vivendo uma situação engraçada”. Por meio desses segmentos causais, o falante gerencia diretamente a interação verbal e conduz essa interação instalando o cenário comunicativo, e, assim, ficam marcados e delimitados os papéis do Falante e do Ouvinte na interação (FORD, 1993).

Verifica-se, no *cópus*, que ocorrências semelhantes às aquelas apresentadas em (20) a (23), nas quais o segmento causal tem a função de gerenciamento da interação exercida, são introduzidas apenas pelo item juntivo *já que*. A provável justificativa para essa escolha dos falantes é que o item juntivo *já que*, pressupõe a validade do segmento causal no espaço base do falante (CONEGLIAN, 2015), o que significa que a instalação de um traço da situação de interação entre falante e ouvinte tem de vir indicada por um item juntivo que marque a validade desse traço no espaço base do leitor e do ouvinte. Nesse sentido, pode-se dizer que, justamente por marcar essa validade para o falante e para o ouvinte, em seus respectivos espaços base, esse é um tipo de construção altamente intersubjetiva, pois implica o alinhamento dos espaços do falante e do ouvinte (DANCYGIER, 2009).

Considerações finais

As construções adverbiais causais apresentam multifuncionalidade e os itens juntivos que marcam essa relação são pragmaticamente ambíguos, podendo ocorrer nos diferentes domínios cognitivos (SWEETSER, 1990).

A amostra de análise das construções causais de ato de fala revelou que diferentes atos de fala podem ser realizados por meio de construções causais e que os segmentos causais marcados por itens conjuntivos complexos, como *já que*, *uma vez que* e *visto que*, não necessariamente constituem uma justificativa para o ato de fala realizado no segmento nuclear, mas podem constituir uma extensão do ato de fala realizado. Nesse sentido, o item conjuntivo utilizado na explicitação da relação de causa particulariza a relação entre o segmento nuclear e o segmento adverbial (CONEGLIAN, 2015). Mais especificamente, verificou-se que o item conjuntivo causal *já que*, diferentemente dos itens *visto que* e *uma vez que*, é amplamente empregado em construções por meio das quais os falantes instalam o cenário interacional, seja fazendo referência direta a um traço da situação interativa, seja (re)ativando um espaço mental previamente estabelecido na interação.

A partir dessa especificação semântico-pragmática dos itens conjuntivos causais nas construções causais de ato de fala é pertinente considerar a questão, que, neste trabalho, vem apenas sugerida, dos níveis de intersubjetividade verificados em cada um desses itens, visto que, nas construções de ato de fala, a seleção que o Falante faz do elemento conjuntivo implica, acima de tudo, o engajamento interativo entre Falante e Ouvinte. Nessa indicação, os itens conjuntivos *visto que* e *uma vez que* seriam os menos intersubjetivos, ao passo que o item conjuntivo *já que* seria, deles, o mais intersubjetivo, pois sinaliza linguisticamente o engajamento dos espaços mentais do Falante e do Ouvinte.

Referências Bibliográficas

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press, 1962.

CHAFE, Wallace. How people use adverbial clauses. In: *Proceedings of the 10th Berkeley Linguistics Society meeting*, 1984

CONEGLIAN, André V. L. *Os conjuntivos causais e concessivos do português brasileiro na perspectiva cognitivo-funcional: uma análise da ligação conceptual dos elementos gramaticais em uso nessa zona adverbial*. Dissertação de Mestrado em Letras (Inédito). Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015.

DANCYGIER, Barbara. *Conditionals and prediction*. Cambridge: CUP, 1998.

DANCYGIER, Barbara. Causes and consequences: evidence from Polish, English and Dutch. In: SANDERS, Ted; SWEETSER, Eve. (Org.) *Causal categories in discourse and cognition*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. Conditionals, distancing, and alternatives paces. In: GOLDBERG, Adele. *Conceptual structure, discourse and language*. Stanford: CSLI, 1996.

DANCYGIER, Barbara; SWEETSER. Construction with if, since and because: causality, epistemic stance, and clause order. In: COUPER-KUHLEN, Elizabeth; KORTMANN, Bernd. (Org.) *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. *Mental spaces in grammar – conditional constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*, 2v. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. 2ª edição. Cambridge: CUP, 1994 [1985].

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: CUP, 1997.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think – conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FORD, Cecilia. *Grammar in interaction*. Cambridge: CUP, 1993.

GIVÓN, Talmy. *Syntax*. vol 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things – what categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LEVINSON, Stephen. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

NEVES, Maria Helena de Moura. As construções causais. In: NEVES, M.H.M. (Org.) *Gramática do Português Falado* vol. VII – novos estudos. Campinas: Editora Unicamp, 2002a.

NEVES, Maria Helena de Moura. As construções condicionais. In: NEVES, M.H.M. (Org.) *Gramática do Português Falado* vol. VII – novos estudos. Campinas: Editora Unicamp, 2002b.

NEVES, Maria Helena de Moura. As construções concessivas. In: NEVES, M.H.M. (Org.) *Gramática do Português Falado* vol. VII – novos estudos. Campinas: Editora Unicamp, 2002c.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática passada a limpo*. São Paulo: Parábola, 2012.

SANDERS, José; SANDERS, Ted; SWEETSER, Eve. *Causality, cognition and communication: a mental space analysis of subjectivity in causal connectives*. IN: SANDERS, Ted; SWEETSER, Eve. (Org.) *Causal categories in discourse and cognition*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

SANDERS, Ted; SWEETSER, Eve. Introduction. In: SANDERS, Ted; SWEETSER, Eve. (Org.) *Causal categories in discourse and cognition*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

SANDERS, Ted; STUKKER, Ninke; VERHAGEN, Arie. Categories of subjectivity in Dutch causal connectives: a usage-based analysis. In: SANDERS, Ted; SWEETSER, Eve. (Org.) *Causal categories in discourse and cognition*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

SEARLE, John. *Speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SHIBATANI, Masayoshi (org.). *The grammar of causation and interpersonal manipulation*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, Leonard. *Towards a cognitive semantics: concept structuring system*. vol. 1. London: The MIT Press, 2000.

TRAUGOTT, Elizabeth. *(Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment*. In: DAVIDSE, Kristin; VANDELANOTTE, Lieven; CUYCKENS, Hubert. (orgs.) *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010.

TRAUGOTT, Elizabeth; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: CUP, 2002.

WACHTER, Armin; HOEBER, Henning. *Compendium of theoretical physics*. New York: Springer, 2006.